



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH**  
**CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**O NEGRO NA LITERATURA INFANTIL: DE LOBATO A ANA MARIA  
MACHADO**

**FRANCISCA CAMILA JÁCOME VERÍSSIMO**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB**

**2014**

**FRANCISCA CAMILA JÁCOME VERÍSSIMO**

**O NEGRO NA LITERATURA INFANTIL: DE LOBATO A ANA MARIA  
MACHADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Vaneide Lima Silva.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB**

**2014**

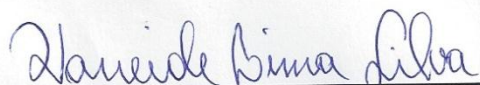
É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

V516n Veríssimo, Francisca Camilla Jácome.  
O negro na Literatura Infantil [manuscrito] : de Lobato a Ana Maria Machado / Francisca Camilla Jácome Veríssimo. - 2014.  
25 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2014.  
"Orientação: Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, Departamento de Letras".

1. Literatura Infantil. 2. Negro. 3. Crítica. I. Título.  
21. ed. CDD 305.8

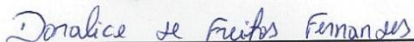
**O NEGRO NA LITERATURA INFANTIL: DE LOBATO A ANA MARIA  
MACHADO**

APROVADO EM: 23 de Julho de 2014.



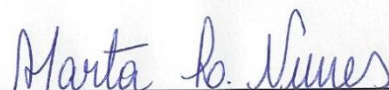
---

**Profa. Dra. Vaneide Lima Silva  
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV**



---

**Profa. M.Sc. Doralice Freitas Fernandes  
Examinadora - UEPB/CAMPUS IV**



---

**Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes  
Examinadora - UEPB/CAMPUS IV**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB**

**2014**

Dedico este trabalho a Deus, por ser o condutor dos meus sonhos e de minhas ações, e aos meus pais, marido, irmã, sobrinho e avós, a quem eu dedico todos os meus ensinamentos e amor.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pelo dom da vida, pelo seu amor infinito, pois sem Ele nada sou. Obrigada pela força e coragem que me destes durante toda essa caminhada e por mais um sonho realizado.

Em especial aos meus pais, Adonai e Tânia, por serem meus maiores exemplos. Obrigada pelo incentivo, pela preocupação para que eu estivesse sempre andando no caminho certo e pelas orações em meu favor. Obrigada por sempre me apoiarem e estarem ao meu lado em todos os momentos da minha vida. Amo vocês.

Ao meu marido Quedorlaomer, pelo seu amor, dedicação e companheirismo. Com você meus dias são mais felizes.

À minha irmã Tamara, por sempre me apoiar e participar da construção dos meus sonhos; ao meu sobrinho Talyson, que apesar da pouca idade, me ensina todos os dias como posso ser feliz.

Aos meus avós, Alain e Maria, que não mediram esforços para me ajudarem nessa caminhada, obrigada por participarem dessa realização.

À minha sogra Valdenira, por ter me ajudado a realizar esse sonho.

Aos demais familiares que acreditaram nesse sonho, que aos poucos foi se tornando real.

À minha colega e amiga Amanda, que desde o início do curso esteve comigo, alegrando os meus dias e me ajudando a passar pelos momentos difíceis.

À minha amiga Aldenir, por tirar todos os meus estresses da faculdade, uma verdadeira irmã, que com certeza estará comigo por toda vida.

À minha orientadora Vaneide Lima Silva, pelo conhecimento transmitido, bem como a banca examinadora, por ter aceitado o convite e pela contribuição que venha a oferecer para o crescimento deste trabalho.

*“Ninguém nasce odiando outra pessoa devido à cor da sua pele, à sua origem, à sua religião. Para odiar, é preciso aprender. E, se podem aprender a odiar, as pessoas também podem aprender a amar”.*

NELSON MANDELA

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar uma reflexão crítica sobre como o negro é representado em duas obras da literatura infantil. Para tanto, serão analisadas as narrativas *Histórias de tia Nastácia* (1937), de Monteiro Lobato e *Menina bonita do laço de fita* (1996), de Ana Maria Machado, obras destinadas ao público infantil em que o negro figura como um dos temas centrais. Em *Histórias de tia Nastácia*, conforme sugere o próprio título, temos a personagem tia Nastácia, que é uma fiel representante do povo ignorante e sem cultura, sujeita aos domínios dos brancos, tidos como superiores à época em que o livro foi publicado. O tratamento dispensado à negra é negativo, pois a tia Nastácia se refere a personagem com os designativos “negra beijuda”, “ignorante”, “sem cultura”. Já em *Menina bonita do laço de fita*, por sua vez, a autora nos apresenta a beleza de uma menina negra que é comparada a uma “fada do reino do luar”, e, portanto, exalta a beleza do negro com carinho e admiração. A análise se deterá na observação dessas duas personagens femininas e buscará mostrar o tratamento que é dispensado ao negro nessas narrativas. Para tanto recorreremos aos estudos de Cademartori (2004), Cândido (2005), Cunha (2004), dentre outros.

**PALAVRAS- CHAVE:** Literatura infantil. Negro. Crítica.



## ABSTRACT

This paper aims to critically reflect upon how the black is represented in children's literature. For this, we analyzed the narratives *Histórias de tia Nastácia* (1937), of Monteiro Lobato and *Menina bonita do laço de fita* (1996), of Ana Maria Machado, works aimed at children in which the black figure as a central theme. In *Histórias de tia Nastácia*, as the title itself suggests, we have the character tia Nastácia, who is a faithful representative of the people ignorant and uncultured, subject to the fields of white, taken as greater than the time when the book was published. The treatment meted out to black is negative, because tia Nastácia refers to character with the designators "beijuda black", "ignorant", "uneducated". already in *Menina bonita do laço de fita* in turn, the author shows us the beauty of a black girl who is likened to a "fairy kingdom Moonlight", and therefore enhances the beauty of black with affection and admiration. The analysis will stop the observation of these two female characters show and will seek the treatment that is accorded to black in these narratives. For that we turn to studies of Cademartori (2004), Cândido (2005), Cunha (2004), among others.

**KEYWORDS:** Children's Literature. Black. Critical.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	09
<b>1 – A LITERATURA INFANTIL: breve histórico</b>	11
<b>2 – SOBRE LOBATO E ANA MARIA MACHADO: algumas palavras da crítica</b>	13
<b>2.1 A contribuição de Lobato na Literatura Infantil Brasileira</b>	13
<b>2.2 A narrativa lúdica de Ana Maria Machado</b>	14
<b>3 – SOBRE OS ENREDOS DE “<i>HISTÓRIAS DE TIA NASTÁCIA</i>” E “<i>MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA</i>”</b>	16
<b>3.1 <i>Histórias de Tia Nastácia</i></b>	16
<b>3.2 <i>Menina Bonita do Laço de Fita</i></b>	18
<b>4 – A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA PERSPECTIVA DE LOBATO E MACHADO</b>	20
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	23
<b>REFERÊNCIAS</b>	25

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo propor uma reflexão crítica sobre a representação do negro em duas obras voltadas ao público infantil. Trata-se de *Histórias de Tia Nastácia*, de Monteiro Lobato, narrativa publicada em 1937, da qual será analisada a personagem feminina tia Nastácia, negra, cozinheira e analfabeta que desfiava várias histórias para uma pequena e crítica plateia: Emília, Narizinho e Pedrinho. A segunda narrativa a ser estudada é de autoria de Ana Maria Machado, autora consagrada, que admite ter recebido bastante influência de Monteiro Lobato. O livro intitula-se *Menina Bonita do Laço de Fita*, publicado em 1986, no qual também identificamos uma personagem negra e feminina que, ao contrário de tia Nastácia, é valorizada pela sua cor negra e não sofre os preconceitos vivenciados pela personagem de Lobato.

Não se trata de uma análise comparativa. Nosso objetivo é fazer uma leitura crítica e perceber o modo como o negro é tratado em cada narrativa, sem fazer uso, portanto, de elementos da Literatura Comparada e sem querer adentrar na discussão desse ramo da Literatura. Optamos por essas obras por mera identificação com as mesmas e por perceber a recorrência do negro na narrativa de Ana Maria Machado, mas numa perspectiva bem diferente do modo como Tia Nastácia é retratada na obra de Lobato. Sob a ótica deste autor, a personagem negra é feia, “beijuda”, sem instrução, “ignorante”, enquanto que a negra de Ana Maria é caracterizada como uma “menina bonita”, cuja beleza é motivo de inveja pelo coelho que desejava se parecer com ela.

Trata-se, portanto, de um estudo de caráter bibliográfico, com embasamento teórico nos estudos de autores como Cademartori (2004), Candido (2005), Cunha (2004), dentre outros que contribuíram de forma significativa para a realização desse trabalho.

Estruturamos o texto da seguinte forma: inicialmente traçaremos um rápido panorama da literatura infantil, mostrando suas origens e sua evolução. Em seguida nos deteremos no destaque da contribuição que Monteiro Lobato teve na literatura infantil brasileira, sendo ele o primeiro autor a escrever para crianças, influenciando assim novos autores a seguirem este caminho, a exemplo, inclusive, de Ana Maria Machado; depois faremos um resumo das narrativas a serem analisadas e, por fim,

evidenciaremos o tratamento dispensado as personagens negras nas obras selecionadas para estudo.

Desse modo, esperamos que a nossa leitura possa fomentar as discussões em torno da temática negritude<sup>1</sup>, questão que ainda necessita de muito debate para que o negro tenha sua dignidade respeitada na sociedade, que, por sua vez, ainda demonstra muita discriminação, principalmente no contexto escolar, espaço onde os preconceitos de modo em geral são perpetuados e manifestados. Acreditamos, portanto, que a escola é espaço privilegiado para a leitura das obras e consequente discussão em vista da construção de novas posturas e posicionamentos frente a questões como o preconceito etno-racial.

---

<sup>1</sup> Segundo o site literário "*Movimento da Negritude*" a Negritude tem a sua origem nos movimentos culturais protagonizados por negros, brancos, mestiços que, desde as décadas de 10, 20, 30 (século XIX), vinham lutando por renascimento negro (busca a revalorização das raízes culturais africanas, crioulas e populares)

## 1 LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: BREVE HISTÓRICO

Segundo Cademartori (2006), no século XVII as crianças conviviam igualmente com a sociedade adulta. Não existia um mundo infantil, nem uma visão especial da infância. Portanto, não se escrevia para crianças. Neste mesmo século surgiu a literatura infantil que como o adjetivo determina é uma literatura dedicada às crianças.

A literatura infantil originou-se na Europa a partir de algumas modificações sociais, graças à iniciativa do francês Charles Perrault, que é considerado o grande iniciador da literatura infantil. Ainda de acordo como Cademartori, no século XVII, Perrault coleta contos e lendas da Idade Média e adapta-os, constituindo os chamados contos de fadas.

Na ótica dessa autora, Perrault colheu suas histórias em um momento de grandes mudanças e transformações sociais. Uma época marcada por grandes conflitos entre Reforma e Contra-Reforma e pela elevação da burguesia como classe social.

Nessa época não existia uma preocupação especial com a aprendizagem da criança, mas a partir do fortalecimento da classe média essas concepções se modificaram e a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, perante a sociedade. Segundo Cademartori (2006, p. 38-39), “a criança, na época, era concebida como um adulto em potencial, cujo acesso ao estágio dos mais velhos só se realizaria através de um longo período de maturação”. A partir daí a criança passa a ser uma pessoa que precisa de uma educação diferenciada, com características diferentes dos adultos. Deste modo Perrault recolhia as histórias populares e adaptava-as para o público infantil, adicionando valores que correspondiam ao gosto da burguesia.

O Francês transformou a literatura popular em literatura infantil, sendo conduzida como um modelo educacional, seguindo as regras apresentadas pela Contra-Reforma, que eram basicamente a cristianização e valorização do pudor (CADEMARTORI, 2006). Suas obras destacavam-se pela preocupação de fazer uma narrativa com princípios moralizantes. As adaptações foram feitas a partir de registros de contos e lendas populares e também pelas histórias que chegavam até

a sua família “através de contadores, que, na época, integravam-se à vida doméstica como servos” (CADEMARTORI, 2006).

Perrault dedicou-se exclusivamente a uma literatura dedicada à criança, e escreveu histórias que até hoje fazem muito sucesso e são muito conhecidas, como: *Chapeuzinho vermelho*, *A bela adormecida*, *Barba azul*, *Cinderela*, *O gato de botas*, *O pequeno polegar*, *A gata borralheira*, entre outros.

Cademartori também informa que a literatura infantil também teve uma grande contribuição por parte dos irmãos Grimm, que no século XIX, realizaram uma coleta de contos, na Alemanha, e transformaram em literatura infantil. Seus contos mais conhecidos foram: *João e Maria*, *Rapunzel*, *Os músicos de Bremen*, *Os sete anões* e *a Branca de neve*.

Vale a pena lembrar outros nomes renomados dentro da literatura infantil: o escocês James Barrie (*Peter Pan*); o inglês Lewis Carrol (*Alice no país das maravilhas*); o dinamarquês Hans Christian Andersen; (*O patinho feio*, *O soldadinho de chumbo*); o americano Frank Baum (*O mágico de Oz*), e o italiano Collodi (*Pinóquio*).

Deixando de lado seu caráter moralizante, existe uma compreensão de que através da Literatura infantil a criança descobre um novo mundo cheio de fantasias, enriquecendo seu pensamento crítico e desenvolvendo seus próprios conceitos, afinal, conforme assegura Frantz (2001, p.16)

A literatura infantil é também ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para as inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas.

Essa é razão pela qual hoje a Literatura Infantil deve ser valorizada em sala de aula, é preciso estimular a concepção do hábito de leitura na fase em que todos os hábitos se desenvolvem, afinal, a Literatura de um modo geral cumpre um papel decisivo na formação do leitor.

## 2 SOBRE LOBATO E ANA MARIA MACHADO: ALGUMAS PALAVRAS DA CRÍTICA

### 2.1 A contribuição de Lobato na Literatura Infantil Brasileira

O primeiro registro de literatura infantil brasileira surgiu através de Monteiro Lobato, em 1920, com a publicação da obra *A menina do narizinho arrebitado* (CADEMARTORI, 2006). Cunha reitera essa informação quando declara que o pontapé inicial foi dado por Lobato, que ficou conhecido como o pai da literatura infantil brasileira:

Com Monteiro Lobato é que teve início a verdadeira literatura infantil brasileira. Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em algumas personagens, que percorrem e unificam seu universo ficcional. [...] O escritor de Taubaté estava abrindo caminho para muitos escritores de talento, que, sobretudo na última década, vêm criando uma respeitável obra endereçada à criança. (CUNHA, 2004, p. 24).

No período em que Lobato começa a produzir, as obras de literatura infantil eram adaptadas e vinham da Europa. Ainda segundo Cunha, como não gostava das adaptações europeias e por ser um grande nacionalista, Lobato criou muitas aventuras para todas as crianças, com particularidades brasileiras, mostrando as lendas do nosso folclore. A autora cita, por exemplo, *O sítio do Picapau Amarelo*, que destaca bem as características da cultura brasileira.

Ao se debruçar sobre a obra de Lobato, a crítica em geral costuma observar que suas histórias caracterizam-se por abordar sobre as questões sociais de sua época, mostrando uma visão crítica sobre a realidade do nosso país. Conforme Cademartori (2006, p. 48) “Monteiro Lobato escandaliza, assusta e ameaça a modorra nacional”, ou seja, o autor desenvolve um olhar transparente sobre os problemas que afligem nossa sociedade.

As obras infantis lobatianas incentivam o debate sobre as questões e os valores sociais, evitando o moralismo que está tão presente nas obras dedicadas às crianças, tendo como moral oficial os preceitos religiosos.

Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário. A discordância é prevista (CADEMARTORI, 2006, p. 51).

Ainda com base nessa autora, as obras lobatianas foram as que mais ganharam destaque no Brasil, porém, Lobato também fez algumas adaptações dos contos de Andersen, Perrault, irmãos Grimm, entre outros autores mais conhecidos. Cademartori destaca como obras infantis mais conhecidas de Monteiro Lobato os seguintes livros: *Reinações de Narizinho*, *A menina do narizinho arrebitado*, *O pó de pirlimpimpim*, *Histórias de tia Nastácia*, *Memórias de Emília*, entre tantas outras.

## 2.2 A narrativa lúdica de Ana Maria Machado

Depois de Lobato, surgem vários outros escritores interessados em produzir obras voltadas ao público infantil, inclusive, sob sua forte influência. É o caso, por exemplo, de Ana Maria Machado, que surge num período conhecido pela crítica como o chamado boom da Literatura Infantil brasileira, que aconteceu entre os anos setenta e oitenta.

Segundo Rodrigues (2003) Ana Maria Machado é um dos maiores nomes da literatura infanto-juvenil brasileira, com mais de cem obras publicadas. A ampla produção literária de Ana Maria Machado é conhecida nacional e internacionalmente.

No ano de 2000 a escritora foi premiada com Hans Christian Andersen, considerado como o prêmio Nobel da literatura infantil. Em 2001 ganhou o prêmio Machado de Assis, oferecido pela Academia Brasileira de Letras e considerado o maior prêmio da literatura nacional. (RODRIGUES, 2003, p. 9)

O livro *Menina bonita do laço de fita* (1986) foi uma das obras mais premiadas e traduzidas para outros países. Em sua obra *Contracorrente* (1999), a escritora



relata curiosidades de como surgiu a fascinante história da “menina bonita”. A autora afirma que o curioso coelho branco, um dos personagens principais da narrativa *Menina bonita do laço de fita*, era um brinquedo de sua filha Luisa, que era mais branca do que os demais irmãos. Deste modo, sua mãe inventava brincadeiras, onde o coelho sempre perguntava o porquê Luisa era tão branquinha. Os irmãos ajudavam Luisa a responder ao coelho, dizendo que ela bebia muito leite, ou comia arroz demais, etc. Essas brincadeiras deram origem, então, à história lúdica de Ana Maria Machado que encanta por sua linguagem simples e poética.

Mas a protagonista de *Menina bonita do laço de fita* é negra. Para explicar a mudança de cor, Ana Maria Machado esclarece a transformação em sua obra, dizendo o seguinte:

Gostei da ideia, mas achei que o tema de uma menina linda e loira, ou da Branca de Neve, já estava gasto demais. Então a transformei numa pretinha, e fiz as mudanças necessárias: a tinta preta, as jabuticabas, o café, o feijão preto etc. (MACHADO, 1999, p. 66)

As histórias de princesas e fadas foram repetidas por muito tempo na literatura infantil como pessoas brancas, então Ana Maria Machado deu uma nova roupagem, destacando a *menina bonita do laço de fita* como “uma fada do reino do luar” ou “uma princesa africana”, mudando completamente o modelo das histórias infantis tradicionais, sem, no entanto, abdicar da tradição. Afinal, suas histórias sempre retomam os contos de fadas tradicionais a partir de sua estrutura ou da presença de ingredientes como o típico “Era uma vez”. Entendemos claramente uma tentativa de supervalorização para a figura do negro, tendo como principal objetivo fazer com que o leitor negro sinta orgulho de si próprio e do seu grupo étnico. Sendo assim, não nos restam dúvidas de que Ana Maria Machado é uma escritora marcante para todas as crianças que leem suas obras, bem como os leitores adultos, afinal, a boa obra literária infantil quase sempre acaba agradando também ao leitor mais experiente. No caso de Ana Maria Machado, nos chama a atenção a beleza das situações humanas representadas em seus livros. Especificamente em *Menina bonita do laço de fita*, há um misto de ludismo e reflexão e essa mistura agrega qualidade artística na narrativa, traço que, aliás, se estende para outros livros da autora.

### **3 SOBRE OS ENREDOS DE *HISTÓRIAS DE TIA NASTÁCIA E MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA***

#### **3.1 *Histórias de Tia Nastácia***

Conforme sugere o título, o livro *Histórias de Tia Nastácia*<sup>2</sup> (2005) gira em torno de diversas histórias contadas pela personagem. São 44 capítulos nos quais são contadas histórias populares narradas por ela, as quais retomam uma tradição oral e popular bastante significativa. Aliás, quanto a este aspecto, a obra de Lobato se mostra fundamental, pois valoriza genuinamente a nossa cultura brasileira.

O enredo começa quando Pedrinho que se encontra na varanda lendo um jornal, demonstra a curiosidade de saber o que significava a palavra folclore. Ele pede para Emília perguntar a dona Benta, que logo veio com a resposta, explicando que folclore são as sabedorias populares, que o povo sabe por boca, de um contar para outro. Após escutar a resposta, Pedrinho lembrou-se de tia Nastácia, pois sua mãe havia lhe contado que as “negras velhas” são verdadeiras enciclopédias de histórias populares. Sendo tia Nastácia também uma negra, Pedrinho não pensou duas vezes, e logo a chamou para contar algumas histórias. Pois, conforme identifica o próprio narrador, “Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe vai contando de um para outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela”. (LOBATO, 2005, p.23)

E assim nasceram muitas histórias de tia Nastácia, que conta as narrativas para as crianças do sítio, e estas, ao escutarem cada história, fazem os seus comentários. Conforme o livro avança, as relações entre tia Nastácia e seus ouvintes torna-se cada vez mais grosseiras. A cada história contada, várias críticas são lançadas, principalmente de Emília, que fala tudo o que lhe vem à cabeça:

Pois cá comigo – disse Emília- só aturo estas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e até bárbaras, coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto! (LOBATO, 2005, p. 18-19)

---

<sup>2</sup> . A primeira edição do livro *Histórias de Tia Nastácia* de Monteiro Lobato foi publicada em 1937. A edição utilizada neste trabalho é de 2005.

Segundo o narrador, Tia Nastácia conta diversas histórias para agradar as crianças, mas elas estão cada vez mais exigentes depois de terem conhecido os clássicos de Andersen, Lewis Carrol e James Barrie, contados por Dona Benta. A cada história contada, uma nova crítica é feita:

Eu [...] acho muito ingênua esta história de rei e princesa e botas encantadas, disse Narizinho. Depois que li Peter Pan, fiquei exigente. Estou de acordo com a Emília. (LOBATO, 2005, p. 12)

Eu, francamente, passo essas tais histórias populares. Gosto mais é das de Andersen, das do autor do Peter Pan e das do tal Carrol, que escreveu Alice no país das maravilhas. Sendo coisas do povo, eu passo. (LOBATO, 2005, p.15)

Todas as histórias contadas por tia Nastácia tinham identidades das histórias contadas pelo povo, que eram transmitidas de geração a geração, ora perdendo, ora ganhando novas partes, o que, às vezes, deixavam-nas sem sentido, conforme assegura dona Benta:

Você tem razão Emília, disse dona Benta, as histórias que correm na boca do povo vão se adulterando com o tempo. Cada pessoa que conta, muda uma coisa ou outra, e por fim elas ficam muito diferentes do que eram no começo. (LOBATO, 2005, p.15)

No trecho a seguir, dona Benta explica o motivo pelo qual as *histórias de tia Nastácia* são bem diferentes das que ela conta:

— Sim — disse Dona Benta. — Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... Quem é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulteradas ainda.[...] (LOBATO, 2005, p.23)

Após contar inúmeras narrativas para sua pequena e crítica plateia, Narizinho ainda pergunta se tia Nastácia sabe contar outras novas histórias, no entanto, a “negra velha” já estava cansada de tanta conversa e logo responde: “Arre, menina. Que tanto quer? – respondeu a preta. – Não sei mais nada não. Chega. Tenho de ir cuidar do jantar. Até logo”. (LOBATO, 2005, p. 68). E então, tia Nastácia passou o

lugar de contadora de histórias para dona Benta e logo depois foi para a cozinha preparar o jantar, já que era o melhor que sabia fazer.

### **3.2 *Menina bonita do laço de fita***

A narrativa de Ana Maria Machado conta a história de uma bela menina de pele escura “como um pêlo de pantera negra quando pula na chuva”. Ela era tão linda que sua mãe a comparava com “uma fada do reino do luar”. Ao lado da sua casa morava um lindo coelhinho branco que achava aquela menina a pessoa mais linda que ele já viu em toda a sua vida, por causa da sua pele negra. Daí por diante, o coelho se apaixona por ela e quer ter a pele negra, igual a da menina.

O coelhinho faz de tudo para ter a cor da linda menina e começa a fazer perguntas constantes para saber o motivo que faz aquela menina ser tão pretinha e volta a perguntar: “Menina bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha?” (MACHADO, 1996, p. 8)

A menina não sabia, mas sempre respondia alguma coisa, como: “entrar numa lata de tinta preta”, “comer jabuticabas até não aguentar mais”, “tomar várias xícaras de café”, entre outras invenções. O coelho sempre fazia o que a menina dizia, mas nunca conseguia ficar pretinho como “a menina bonita”.

Certo dia, o coelho foi para a casa da menina negra e se depara com a mãe dela, que também é bela e mulata, e voltou a perguntar o porquê da sua pele negra, a menina não sabia, mas já ia inventar outra história, quando sua mãe a interrompeu e explicou para o coelhinho sobre a parentela da menina.

O coelho tomou os conselhos da mãe da menina e logo foi procurar uma coelha com a pele escura; não precisando procurar muito, logo encontrou uma linda coelha pretinha. Eles namoraram, casaram e tiveram muitos filhotinhos, de várias cores: branco, cinza, branco malhado de preto, e também uma bela coelhinha preta, que se tornou afilhada da “menina bonita”.

Como podemos observar, trata-se de um enredo simples, mas a linguagem utilizada pela autora exemplifica um lirismo que encanta e pode despertar a sensibilidade não apenas das crianças. O texto é rico em metáforas, sonoridades e imagens que marcam o ludismo da linguagem de Ana Maria Machado. Outro aspecto marcante dessa narrativa diz respeito à fantasia que marca o enredo. A

menina é caracterizada como um ser rico em inventividade, conforme demonstras as respostas dela cada vez que o coelho voltava a sua casa querendo saber o que fazer para ficar pretinho que nem ela.

Também merece destaque o tom afetivo que marca o discurso do narrador: a recorrência de diminutivos denota a afetividade com que a menina é tratada, sem pieguice ou piedade. Sem esquecer ainda da inversão de papéis que a autora vem propor: um coelho branco querendo se tornar “pretinho” como a “menina bonita”. Socialmente isso jamais aconteceria. Mas a autora propõe e ao fazer essa sugestão, ela levanta a possibilidade e nos leva a refletir sobre os papéis sociais. Nesse sentido, o enredo é bastante sugestivo.

#### 4 A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA PERSPECTIVA DE LOBATO E MACHADO

Apesar de alguns estudiosos como Penteado e Zilá Bernd considerarem as obras de Lobato racistas, seu foco não era discriminar ou menosprezar o negro, e sim mostrar em suas narrativas a situação atual e sua posição na sociedade brasileira daquela época.

Tia Nastácia, personagem que intitula a narrativa de Lobato analisada neste trabalho, é caracterizada como uma ex-escrava de Dona Benta, pessoa adulta, cozinheira, descendente de escravos que apresenta um nível de escolaridade baixo, até menor que o das personagens infantis do livro. Como vimos na apresentação do enredo, ao escutarem as histórias de tia Nastácia, os pequenos moradores do sítio criticavam a falta de coerência oral da negra. Uma das falas de Emília torna clara essa afirmação: “O fim dessa história está muito atrapalhado e sem pé nem cabeça. Eu gosto de fantasia, mas de fantasia com pé e cabeça. Tudo que não tem pé nem cabeça me parece errado”. (LOBATO, 2005, p. 25). Tia Nastácia, enquanto contadora de histórias, deixa transparecer para as crianças a inferioridade cultural, pela sua posição de doméstica e também por ser uma negra analfabeta, sendo assim desvalorizada pelas crianças que têm um grau de escolaridade maior que o seu.

Lobato apresenta a personagem tia Nastácia de modo pejorativo, mostrando o verdadeiro preconceito e discriminação em relação ao negro, tanto linguístico como social através das falas de Emília: “Bem se vê que é preta e beijuda! Não tem a menor filosofia essa diaba”. (LOBATO, 2005, p.52)

Desse modo, Tia Nastácia é vista pelos brancos como a caricatura da mulher brasileira negra, que de tudo sabe fazer, sempre na cozinha com seu avental e um lenço na cabeça, espaço privilegiado de atuação da personagem.

Do ponto de vista da Teoria Literária e das considerações de Forster (1969), a personagem tia Nastácia é qualificada como coadjuvante, ou personagem secundária, uma vez que a função de protagonista cabe aos netos de Dona Benta, Narizinho, Pedrinho, e à boneca Emília. Por ser coadjuvante, Tia Nastácia também é considerada como uma personagem tipo, por representar uma classe social e profissional específica: a das negras velhas cozinheiras, também como várias

contadoras de histórias existentes no país, desde o tempo da escravidão, nas primeiras décadas do século XX.

Para Forster (1969), sendo tia Nastácia uma personagem tipo, é também qualificada como plana, uma vez que não se desenvolve durante as narrativas, continua sempre com as mesmas características, iguais pontos de vista e credíes. Tanto no começo quanto no final da história, tia Nastácia acaba retornando a cozinha para preparar a comida, já que era a única coisa que todos os moradores do sítio apreciavam e não reclamavam. Diferente da personagem redonda que se apresenta com várias facetas ou aspectos, tornando-se mais complexa no que diz respeito a sua distinção psicológica.

Mesmo sendo uma personagem secundária, tia Nastácia tem sua importância representada pela popularidade de seus quitutes. É uma personalidade que muito encanta aos leitores pela sua bondade e simplicidade apresentadas nessa e em outras histórias de Lobato.

Já leitura da narrativa de Ana Maria Machado nos possibilita observar que a menina negra recebe um tratamento diferenciado, se compararmos o tratamento dispensado ao negro em Lobato. A autora desconstrói estereótipos e quebra barreiras, unindo o novo ao tradicional. Veja que Ana Maria Machado inicia sua narrativa com o tradicional “Era uma vez”, situando o leitor no universo do faz de conta, portanto, da fantasia. Mas a princesa que a autora nos apresenta não é branca e não tem olhos azuis: “tem a pele preta e lustrosa que nem o pelo da pantera negra quando pula na chuva”. Diferentemente de Lobato, Machado valoriza a nossa diversidade cultural, respeitando o negro na sua identidade, pois toda a caracterização da “menina bonita” é de exaltação da sua beleza negra.

O livro *Menina bonita do laço de fita* (1996) faz parte de um conjunto de narrativas curtas.

[...] são obras escritas por determinados autores que elaboram os textos infantis breves, com enredo simples e com uma intrínseca relação discurso X imagem. Essa obra pode ser indicada [...] à pré-leitores, a crianças recém-alfabetizadas e àquelas com pouca experiência de leitura (VALE *apud* SARAIVA, 2001, p. 48).

Ana Maria Machado realiza isso com muita propriedade, pois nessa obra as figuras/desenhos se relacionam muito bem com o texto escrito, colaborando e dando

ênfase a história. Destacando momentos importantes da narrativa e facilitando a compreensão do leitor. (FARIA, 2004, p. 12).

A escritora, no decorrer de toda a narrativa, utiliza expressões e palavras que valorizam a imagem da personagem negra, mostrando sua beleza e enaltecendo sua cor, como podemos ver nos trechos a seguir:

Era uma vez uma menina linda, linda [...]. O coelho achava a menina a pessoa mais linda que tinha visto em toda a vida [...] Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar. [...] E o coelho pensava: - Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela. (MACHADO, 1986, p. 2, 4, 6, 7).

O jogo entre texto e imagens deixa transparecer os discursos defendidos pela autora em sua obra, fato que nos remete para Candido (1971, p. 32), quando diz que: “As palavras e imagens do narrador se encarregam de comunicar-nos os seus pensamentos”. A narrativa de Machado deixa claro que a cor da pele surge da descendência da nossa família. Portanto, as pessoas precisam entender que a beleza não está na cor da pele, mas sim no interior de cada pessoa, que precisa e merece ser respeitada independente de qualquer diferença.

Ana Maria Machado nos apresenta outro padrão de beleza na medida em que cria uma princesa que ao invés de ter cabelos loiros, pele clara e olhos azuis, opta pelo oposto, nos trazendo uma “fada do reino do luar” com olhos negros, pele escura e cabelos encaracolados. Com isso, a autora sugere que a beleza pode ser vista de várias maneiras. Ou seja, não há um único padrão que deve ser seguido, como socialmente acontece. Nesse sentido, Ana Maria Machado quebra tabu e levanta uma reflexão que no contexto da sala de aula pode ser bastante salutar, depois da leitura de sua narrativa, afinal, o texto suscita a questão e merece ser lido e apreciado por crianças que ainda não sabem ler. Neste caso, esses ouvintes podem ter contato com o livro através do professor, que ludicamente pode propor a apreciação da narrativa através da dramatização, por exemplo.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de *Histórias de Tia Nastácia*, de Monteiro Lobato, e *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, revelam modos diferenciados da representação do negro na literatura infantil. A narrativa de Lobato põe em evidência o tratamento dispensado ao negro, o qual, de acordo com o contexto da obra, ocupa um lugar secundário na sociedade do início do século XX. Ou seja, como vimos, “Tia Nastácia” frequenta na obra de Lobato o espaço da cozinha, símbolo da limitação e da falta de liberdade que os negros enfrentaram e cujo preconceito ainda se reflete nos dias de hoje.

Já “a menina bonita” criada por Ana Maria Machado representa um novo tratamento do negro na literatura, uma vez que a menina é comparada a uma “fada do reino do luar”, desconstruindo, assim, o ideal de beleza representado nos contos de fadas e nas narrativas infantis de um modo geral. Nesse sentido, acreditamos ter atingido o objetivo estabelecido para a realização deste trabalho, uma vez que a análise buscou evidenciar o modo como o negro é tratado em cada narrativa. Já em Ana Maria Machado, percebemos que a menina negra tem sua negritude valorizada, sendo-lhe dispensado um tratamento bastante diferenciado, ou seja, positivo.

A leitura dessas obras nos possibilita refletir sobre os estereótipos de beleza, de cor e a falta de respeito às pessoas diferentes de nós, questões estas que são determinadas pela sociedade e concretizadas em alguns discursos. Nesse sentido, a leitura desses livros pode favorecer o debate em torno dessa questão, sendo, portanto, bastante válida a leitura dessas obras em sala de aula, especialmente entre alunos do ensino fundamental, uma vez que a Literatura Infantil tem um papel fundamental para a formação do indivíduo. Afinal, ler durante a infância ajuda a despertar nas crianças o senso crítico e conhecer novos mundos. Apesar da distância temporal entre o leitor infantil do século XXI e a obra de Lobato, acreditamos que as narrativas de Lobato continuam sendo fontes seguras de leitura, mesmo abordando alguns aspectos negativos em torno do negro. A ponte com a obra de Ana Maria Machado, por exemplo, pode favorecer debates significativos e salutareis à formação do leitor do texto literário.

Vale ressaltar que Monteiro Lobato e Ana Maria Machado constituem autores fundamentais para a literatura infantil, construindo um mundo de magia e ludicidade para as crianças, escrevendo histórias com linguagens saborosas, sem deixar de mostrar a preocupação com os problemas do nosso país.

## REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **A personagem**. Ed. Ática. São Paulo, 1985.

CADERMATORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. **A personagem da ficção**. Ed. Perspectiva S. A. São Paulo. 1972.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática**. 18 ed. São Paulo: Ática, 2004.

FARIA, Maria Alice. **Como Usar a Literatura Infantil na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

FORSTER, Kanya. **Literatura infantil**. São Paulo. 1969.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. 3 ed. Unijui, 2001. Coleção Educação.

LOBATO, Monteiro. **Histórias de tia Nastácia**. Ed. Brasiliense. São Paulo, 2005.

LOPES, Eliane. **Lendo e escrevendo Lobato**. 2 Ed – Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 9 ed: São Paulo: Ática. 1996.

\_\_\_\_\_. **Contracorrente**. São Paulo: Ática, 1999.

RODRIGUES, Etiene. **Roteiro de uma viagem**: uma leitura bem do seu tamanho, de Ana Maria Machado. Campina Grande. 2003. (Monografia de Conclusão de Curso).

VALE, Luiza V. Pires. **Narrativas Infantis**. In.: SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). *Literatura e Alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre/RS: Artmed, 2001.

## WEBGRAFIA

<http://www.anamariamachado.com>. Acesso em: 16 de março de 2014.

[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/\\_ed714\\_monteiro\\_lobato\\_e\\_o\\_racismo](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed714_monteiro_lobato_e_o_racismo). Acesso em 09 de junho de 2014.

<http://filipe.tripod.com/lobato.htm>. Acesso em 11 de junho de 2014.